

i

DECIFRA-ME

sim pode ser não,
não pode ser talvez,
talvez pode ser sim.

como saber?
como desvendar
teus enigmas?

queria poder
decifrar-te
nem que só uma parte
antes que me devores,

queria entender
o porquê do nunca ser,
somente estar,
antes que me deploras,

queria muito
prever
o imprevisível
dos teus humores,

compreender
o significado
de tua aquarela
de indecifráveis cores.

SEGUNDO SEXO

uma borboleta bêbada
pousou no vidro da janela,
em tóquio jovens damas orientais
fazem companhia a turistas.

EFEITO BORBOLETA

se você não tiver medo
te revelo um segredo:
gostei de você.

se você guardar segredo
te conto também o meu medo:
você não me quer.

algumas mulheres
amam mais do que outras.
algumas
comportam-se como ostras.

como saber a verdade
sobre o silêncio
após o último gemido?
entregaram-se por inteiro
ou em seu pensamento
havia outro?

todas dormem sem remorsos
e têm as unhas vermelhas.

respiro teu riso, teu hálito,
absorvo a cor das tuas palavras
e o movimento de tuas pernas
trançadas nas minhas.

olho através do teu mito,
encaro teu enigma, na pirraça
de decodificar teus signos
invisto contra teu disfarce.

tens uma trama de nós difíceis
ou impossíveis de serem desatados,
tenho a pele e os anseios marcados
pela fúria dos teus lábios.

colhi teu grito
e depois teu silêncio,
decifrei teus poros
e teus receios.

conheci tuas trevas,
em teus labirintos
me debrucei.
te habitei por inteiro.

provei fendas e frestas,
encontrei teus recôncavos,
mergulhei em teu mistério
a cada rodeio.

um invisível visgo
me aprisiona agora
na tessitura
de tua teia.

o cheiro precede o toque
e logo nossas bocas,
sexos e mundos
se interpenetram.

te persigo, invado
os avessos do teu corpo
até teus fluídos
encontrarem os meus.

meu nome te escapa
por entre os dentes,
isto me basta para crer
em qualquer mentira.

a lua que flutua
longe e as fases
dos teus ciclos e cios
são partes do mesmo enigma.

versos no diário:
o avesso do dia,
seu comentário.

o dia, o riso,
o noticiário.
versos diários
se revezam
como as roupas
no armário.

vida versus vida,
raios, pára-raios,
os risos sucedem as praias,
o canto sucede as vaias.
em suas páginas
o inventário
das sombras e das saias.

as tarefas,
as descobertas,
o documentário.
os ritos, os mitos,
os riscos
e o registro,
em suas linhas,
diário.

telefones, nomes,
lembranças várias.
notas, provas,
juras,
datas
no calendário.
os rostos se revezam
como as cartas
no baralho.

O DIÁRIO

ii

O NOME DA ESFINGE

adriana luzia não tenha medo.
não há um urso na cozinha,
não há um dragão atrás da lua
ou ciclopes a te procurar.

não tenha medo adriana luzia
se a noite represa as cinzas
de alguma estrela fria, se precisar
creia em deus ou na virgem maria.

ADRIANA LUZIA

no berço, o medo de estranhos.
na escola, o medo da professora.
na hora de dormir, o medo do escuro.
e quando a chuva batia na janela,
o medo dos trovões.

agora, faz a maquiagem
e com medo de morrer
e de amar,
migra para o ciberespaço.

BABY BLUE

nos olhos vermelhos de marta
as frases do seu discurso sem nexos,
a lembrança de que a vida é breve,
seu querer não querendo, seu sexo.

no riso histérico e romântico
de marta a dor, a revolta e a coragem.
a certeza de que suave é a noite
e nos espelhos a sua imagem.

nas mãos geladas de marta
o tempo de que já não dispomos,
a urgência de que um deus venha
e que não lembremos mais de quem somos.

MARTA

lia era dura!
lia era fria!
assim
lhe ensinara a ser
a sua tia.
se alguém
dela se aproximava
logo avisavam:
desiste,
é perder tempo,
lia é difícil!
lia é fria!
paciência,
aconselhavam,
mais dia menos dia
a dor acaba,
o amor esfria.

cuidado, lia!
dissera
a sua tia.
ela então
se precavia
porém sorria
para quem
lhe sorrisse.

às vezes perguntavam:
para quem te preservas?
para quem te guardas
como se guardam
as fadas?
por que a ninguém
te entregas?
que vantagem
nisso levas?
e se um dia acordares
e diante do espelho
disseres:
a vida é vazia!
lia então calava,
não respondia.
já se acostumara.

sonhava,
não vivia.
mas o sonho
uma hora acabava.
às vezes
chorava.
sem saber porquê,
escondida da tia
que não percebia
somente lembrava:
cuidado, lia!

LIA & A TIA

setenta por cento
do corpo de milena
(seus cabelos, suas unhas,
seus pés,
seus lábios, seus joelhos,
tornozelos,
seu umbigo,
seus pequenos seios)
é feito de água.

água
que ela toma
em translúcido copo de cristal.
a mesma água
que ela despeja sobre as samambaias
e as avencas.
a mesma água
com que ela lava suas calcinhas.
a mesma água
que ela chora
por seus olhos de água.

PEQUENA MILENA

já é tarde, dorme a loura
seu sono sereno; sonham as mães
com seus pequenos, pedem a deus
que cresçam livres de todo mal.

NEMBUTAL! NEMBUTAL!

os médicos nada sabem, nada sabe a cia.
só as tias, que bebem gim nesta hora:
silenciam as americanas senhoras
coast to coast, em cada capital.

NEMBUTAL! NEMBUTAL!

depois de mortos os kennedys
e do adeus aos soldados nos portos,
quem lembrará? quem,
depois de Cuba, Vietnã, Napalm?

NEMBUTAL! NEMBUTAL!

quem guardará o nome de todas
as louras tristes? não serão
Hollywood, a América e a vida
uma fantasia heavy metal?

NEMBUTAL! NEMBUTAL!

MARILYN

iii

O ENIGMA DO TEMPO

um dia
e mais outro dia.
a mesa posta,
os copos, talheres, o amor
de antes agora em algum
canto da casa escondido,
quem sabe talvez
em algum hotel
nas últimas férias
esquecido.

um dia,
outro dia.
os filhos que crescem,
novas intrigas;
o mesmo canal,
uma outra novela;
o carro novo,
os mesmos caminhos.

um dia
e depois
outro dia.
a data esquecida,
novas dívidas,
os mesmos compromissos.
novos comprimidos
e os pratos
sobre a pia.

outro dia,
o relógio, de manhã,
implacável
em sua sentença:
somente um banheiro,
o café, a manteiga fria, o cigarro,
a porta que bate
e a água que cai do chuveiro.

um dia
e mais outro dia.
comprar presentes,
escolher verduras,
escolher um vestido.
visitar parentes
que há algum tempo
não se via.
em suas vidas
um espelho,
uma estranha simetria.
antigas mágoas
não movem,
emperram moinhos.

mudar os móveis de lugar,
mudar a cor do cabelo.
a menstruação que não vem,
a tabelinha
e as camisinhas
da filha.
e as roupas sujas
de mais um dia.
o amanhã parecia tão distante,
muito adiante
da próxima esquina.

o amor acaba.
como um castelo
de cartas, um viaduto
que desaba.
só se percebe
no sábado ao se acordar.
quando tudo silencia,
na praia ao fim
da tarde
ou durante o jantar
quando se repara
o brilho do anel
que já não brilha,
o vinco na memória
que falha, o canto
de Morgana que anuncia:
todo ser que se move
é uma ilha.

por ruas incertas ela caminha.
traz na memória as marcas das algemas
que por sete anos voluntariamente usou.
tem na boca o gosto da palavra
adeus e uma prece inacabada.
tem na bolsa uma aliança
de ouro dezoito quilates
e um termo de separação litigiosa.

O SANTO CAMINHO

a xícara de café, o cigarro,
o telejornal:
cúmplices das horas
como ácido roendo
os azulejos, o estômago
e o que se pensou ser eterno.

a toalha de banho, a espera,
as rugas ao redor dos olhos:
no espelho agora a certeza:
eternos só os diamantes.

os azulejos não ouvem
suas preces, neles mantém-se
gravados seus deveres
e os mandamentos da solidão.

os espelhos, silenciosos,
dia após dia modelam
o seu sorriso forjado
com a força de invisíveis mãos.

na cama limpos lençóis
ornamentam o altar,
sacramentam o ofício
da vitalícia prisão.

procuro em seus lábios
um beijo, é inútil:
há muito se foi o encanto,
já não há mais desejo.
existe apenas um muro,
concreto, absurdo.
cada tijolo encerra
o brilho de sonhos pretéritos
e uma poesia sem futuro.

a cada dia,
a cada encontro,
mais distante.

mais ausente
a cada beijo,
a cada instante.

o surdo e solene declínio do amor
exonera ilusões primaveras,
arquiva impossíveis parcelas
de um cálculo inacabado.

DECLÍNIO

as mãos unidas,
desaprendidas,
não empolgam mais
que a chama
do isqueiro, não
impressionam
mais que a cinza
do cigarro.

o que foi dito
há cinco minutos
esqueceu-se
e o amor, perdeu-se!
como esperma sobre
a cama, no ocaso
de algum
fim de semana.

se quem ama perde o passo,
renuncia, se amar é desgoverno,
descompasso, é perder a vergonha
e o medo no escuro de um quarto,
é perder com um homem, tarde
ou muito cedo o hímen e a virgindade;
não será desamar readquirir
ritmo, reaprender a santidade
que não mais existia?
eu me entregava, você me comia.

se quem ama se entrega, se amar
é sorrir para quem no colo
nos carrega, é perder a voz enquanto
nos dilaceram numa luta fria
ou no calor de um abraço, é ver
significado em palavras vazias;
não será desamar recobrar
a consciência, romper a camisa de força
que suprimia e amordaçava?
eu te seduzia, você me currava.

COMUNHÃO DE BENS

iv

O ENIGMA DO VAZIO

caminho no escuro, sigo
seus passos, procuro um rastro,
uma pista, uma prova,
leio os versos em seu diário,
colho migalhas, escuto espelhos.
o negro dos seus pêlos
está em cada lençol.

pago as contas, rasgo papéis,
escolho uma roupa, tranco
a porta, as ruas são rotas
de fuga tortas, são portas,
saídas rotas, falsas, fáceis
demais para se errar.
meu erro foi acreditar.

o que vivemos, o que sonhamos
estão agora tão embaralhados
que já não sei em que acreditar.

nomes, lugares, datas se confundem:
o que lembro, se realmente
aconteceu não posso afirmar.

o antes, o durante e o depois
estão agora tão trançados
que já não tenho como datar.

do fel do adeus que bebi,
de tua secreção que engoli,
resta o gosto do que não provei.

da tua voz que cala,
do meu silêncio que fala,
resta aquilo que não escutei.

entre o tempo que vivemos
e o futuro que não prevemos
resta, imponderável, o que esperei.

anoto devaneios na agenda,
risco os dias no calendário:
acupuntura, tarja preta,
meditação, conto piadas.

assino cheques, deixo um gole
de café frio na xícara, sombras
me seguem, acendo um cigarro,
engano a fome, procuro as chaves.

na memória restam imagens,
penetro o silêncio, a lua
me segue nua e nova, volto para casa
em busca de paz e espaço.

me olho no espelho, nos cabides
as roupas, sinto seu cheiro,
lembro os detalhes do seu corpo,
procuro um vestígio de sentimento.

quem sabe eu tivesse
um pouco mais de coragem
pudesse enfrentar estas paredes lisas
que me cercam e esta noite vazia.

você descobriu meus sonhos,
eu descobri do que você é capaz.

nunca mais
seu olhar feroz
e as tardes escuras
sobre nós.

me olho no espelho:
mais pareço um cão sem dono
quieto no meu canto
com fome, sem sono.

levo comigo uma sílaba
por onde quer que ande,
New York, Pequim, Chernobyl,
em qualquer canção que cante.

levo comigo uma sílaba
veloz, precisa, fugaz,
na guerra eterna de todos os dias
ou na quietude de um cais.

levo comigo uma sílaba,
um signo, um nó, um segredo,
um ideograma: a mensagem
clara do último beijo.

horas afora só o eco
dos meus passos em curvas incertas
persistiam na ansiosa
e insana busca oca.

em minha boca eu tinha
o teu nome, eu te chamava,
tu não me ouvias.
minhas lágrimas o vento levava.

se resguardava a memória
até então ilesa que vi se transformar
em um brinquedo quebrado,
débil como um frágil falo.

quem é vassalo, quem é senhor
de sua própria história diante
do caminhar do tempo,
diante do Universo e sua mandala?

a vida resvala e continua,
inevitável, inviável mas não em vão,
se tece e se entrelaça
ao negro canto de amor de Circe.

estou só num bar no centro do rio,
o coração atravessado por um blues.
estou só neste lugar,
meus desejos sob a lua e sua luz.

já não lembro quem fui,
inventei os lugares que vi.
à deriva no tempo que flui
sei que um dia não estarei mais aqui.

são esquinas de solidão, ruas sem nome.
perdidos estão rumo, fé e a esperança.
enxergo meus caminhos errados
até onde a vista alcança.

FRAGMENTO DE UM MONÓLOGO AMOROSO NUM BAR NA AVENIDA
ALMIRANTE BARROSO

entre o mar e a avenida embebido
nesta nostalgia que me embrutece
devoro pedaços de memória
sob o sol interminável
que as dunas aquece.

teria sido mais fácil
atirar mensagens em garrafas ao mar
para que me ouvisses:
palavras são inúteis
quando não se quer escutar.

o instinto e o instante
que lentamente me devoram a sanidade
não deixam sobrar mesmo
muito mais que memória
e uma estúpida e inútil saudade.

no grito do meu silêncio
há sonhos que tornados obscuros, oxidados
me acometem à minha revelia
e se acumulam como as pontas
de cigarro, abortados.

qualquer coisa arranha
(as paredes neutras, o re-
lógio que corre), qualquer
coisa desanda.
já me atiro em pêlo
contra a calma
dos moinhos de holanda.

percebi meus passos muito tarde.
agora é tarde, todo abraço
já espanta,
já não importa.
agora é selva!
o aço dos moinhos
me abraça.

guardo comigo dos beijos
o ranço
e os inumeráveis espaços
de holanda.
guardo comigo o desencanto
e dalgum úmido sexo
a lembrança.

QUIXOTE

V

DEVORO-TE

o sinal da entrada surpreende
os peitinhos atentos da colegial.
não há mais tempo para o cigarro,
a fumaça se desfaz no pátio.
as cenas que ela ensaia, as
mãos sob a sua saia
são artifícios
com os quais encara
o tédio e as aulas.

a ruidosa avenida siqueira campos
não incomoda a quietude do quarto
onde se amam as duas.
línguas, cabelos, pernas no escuro
se entrelaçam; vermelhos os lábios,
os beijos e ambas nuas.

lá fora há uma declarada caça
às bruxas que o calor desse abraço
e dessas palavras não tarda silencia.
a vida as transforma de novo
em pessoas normais que estudam, trabalham
e em silêncio se amam no dia a dia.

suas curvas são poemas
são desvios-labirintos
onde me ponho à deriva.
suas rimas são rotas,
o ponto de partida
se confunde
com a reta de chegada.
caminhos de libido
e perfume.

entre tuas pernas abrigas
um tropical terreno
com cheiro de fêmea e cio.
atraído pelas tuas cores
e pelo doce encanto
de teu canto de água e enigmas
sou tragado se muito me aproximo.

entre tuas pernas me aprofundo,
com tuas curvas a me conduzir
as mãos e a boca, em um só corpo
nos confundimos.
ao te envolver me aprisionas
nestes instantes
em que te tenho minha ainda.

nosso o quarto é um bunker
onde nos protegemos,
fugitivos dos telejornais.

na geometria e dimensão
da cama as horas
se tornam pedaços de sempre.

nossa nudez desafia o tempo,
de mãos dadas
sonhamos o mesmo sonho.

ontem deixei marcada
a tua pele.
em mim ficaram
as marcas das frases
que nem lembras que disseste,
ecos da noite infinda.
ficou o espectro do teu olhar
a embaralhar meus caminhos.
ficaram teus gestos
fora de controle compondo
o meu deleite.
camadas do teu ser, origem
da inquietude
que me envolve agora.

lá fora a cidade com estranhas
instâncias e seus andaimes,
seus trilhos, túneis e fachadas.
aqui nossas palavras e silêncios,
nossa nudez molhada.

no teu corpo a buscar
teu morno refúgio, a caverna de sonhos.
a provar a tua temperatura
no tempo linear do quarto
que efêmero, perdura.

a se tocarem, mãos e pele
e sobre ela suor e saliva.
a se confundirem secreção e esperma,
impressos no lençol, testemunha
e cúmplice que a última hora conserva.

nos nossos úmidos lábios o eco
de nossas entranhas
e nossos destinos a se beijarem.
na bruma da tarde nossos fôlegos
e biografias a se entrelaçarem.

os seios que acordam
para que eu os deseje,
a calcinha
que não esconde mais
o que eu ansiava ver.
na boca saliva,
no sangue endorfinas.
irremediavelmente nua.

passeiam minhas mãos
pelo teu corpo,
entre as tuas pernas
a porta aberta,
o acesso que ofereces.

minhas mãos obscenas
tateiam e acariciam
teu corpo que obediente
me conduz.

vejo o pequeno corpo:
nenhuma nudez será como antes.
doce provocação, um desafio, o cruel
convite dos teus olhos infantis.

sob meu peso, vejo tua febre urgente.
com o que sonhas, quase menina?
o que te traz este sorriso
que em teu rosto se ilumina?

na leitura de teu corpo bravio,
encontro nos seios seus delicados botões.
quase intocados, ao tocá-los,
descubro a harmonia de suas formas e canções.

logo me conduzes ao úmido território.
da gentil fenda que me recebe
transborda o mel com que me liberto:
tudo o que eu sei de nada mais me serve.

ainda que eu conheça muitos caminhos
decifro, desvendo, desvelo, imagino;
ainda que sejas somente anjo e aprendiz
contigo mais aprendo do que ensino.

PUPILA

desvendo a mulher, a ogiva
de delírio que escondes
sob as roupas; acesa e viva,
gera em meus sentidos
um sentido a mais.

com minha cega convicção
me aprofundo devagar,
nesta misteriosa região,
ponte entre nossos corpos.
e te contorces e te contrais.

novelo de cheiros e sons:
os meandros do teu corpo,
tuas margens e tons.
o mundo se reduz ao infinito
da tarde e seus umbrais.

you are a fruit that I pick.
I open, I separate
your pieces
and I savor your smell
and your taste.
Your juice
flows through my mouth.

reentrances, edges,
folds, saliences:
I find distant worlds,
lost temples.

when you are gone,
the others that I touch,
I call by your name.

entrego meu corpo aos cuidados
deste abraço, dos braços
que agora me embalam.
teu colo é um mar de paz e fúria
e pelos poros transpiras um desejo
que entendo como posso.
um pouco mais sobre mim descubro
ao dispor do peito que eu sugo.

o invisível leite que busco
traz de volta a terra do nunca.
minha boca sobre a tua pele
se molda, teu relevo com os olhos
fechados intuo; a imaginação é guia
da minha leitura de mundo.
sou um visionário cego surdo e mudo
diante da cor do peito que eu sugo.

doce e cruel Jocasta que me dá o seio,
ao mesmo tempo mãe e amante,
matando minha fome e minha sede,
me tornando ainda mais sedento e faminto,
me trazes de volta o gosto de brincar
a mesclar brinquedo e alimento.
contra a dor encontro um escudo
no calor do peito que eu sugo.

diante do corpo desnudo
não tenho pátria, não tenho rumo.
não preciso do futuro,
ele já não importa, já não assusta,
se torna irrelevante em face
a esta forma criança de ser adulto.
na ausência de sentido, um sentido inauguro
ao sabor do peito que eu sugo.

cego e lento sigo
entre as pernas
um caminho que invento:
estreitas são as ruas deste abraço.
desenho sobre a pele, entre
os pêlos, em cada volta,
no relevo do corpo,
o contorno de cada espaço.

em cada curva deixo rastros,
um úmido traço.
na bunda imprimo
o registro dos meus dentes.
pés, joelhos, coxas, clitóris:
o percurso deste beijo
onde obstáculos tornam-se atalhos
e a poesia se faz presente.

turbilhões sem fim
nestes espaços
e espasmos de magia
de cada encontro.

no teu corpo colho sonhos
ainda que não estivesses nua.
dentro de ti sigo
denso e tenso.

imerso em tuas profundezas,
a me invadires o fôlego
e a alma, como não dizer
que estás dentro de mim?

o anjo que pego em meu colo
tem um pouco mais na memória
do que a sua infância e me conta
na vastidão do seu tempo
a sua breve história.

um anjo em um corpo de mulher,
as asas das horas nos informam
o imã do nosso olhar neste momento
que em desejos alados
logo se transformam.

o anjo que ponho em minha cama
é uma parte aventura e outra romance,
prevê na tarde quieta a noite
e o destino que voa além
dos nossos olhos e do nosso alcance.

um anjo que menstrua,
que tem sexo e vagina que me provoca,
entreaberta desvenda o clitóris
que a ponta dos meus dedos
e da minha língua toca.

faço de seu corpo o meu endereço
e no meu colo ela me embala,
revela nos espelhos e no esperma
sua santidade e as roupas
que ficaram no chão da sala.

o anjo que beijo a testa
nem parece a mesma pessoa
que estuda, canta, dança, namora.
com suas asas inquietas
antes que anoiteça voa.

somos dois ainda
ou somos um somente?
o corpo que invado,
preencho e conquisto
também me captura.
e se me envolves e me engoles
me entregas também as chaves,
tenho aberta a porta
e te domino.
teu abraço me dá asas
e se me faço teu dono
também voas.
quem possui quem?
quem liberta quem?
de que são feitos os sonhos?

calor intrigante:
o ponto de encontro
entre duas buscas.
entre as duas pernas
o ponto secreto
que me revelas,
o gentil toque
a que me entrego:
tua vulva,
tua selva, tua seiva
que escorre
entre os meus dedos.

TOQUE

teu úmido desejo
pelo o meu corpo escorre.
mel que brota
do interminável cio
de tuas viscosas entranhas
e umedece
a textura desta hora.

teu corpo sobre o meu corpo,
uma vulva por onde passeia a língua.
meu rosto entre tuas coxas é um espelho
do teu rosto entre as minhas.

maior que esta ânsia sem controle
que há pouco nos despiu é o encanto.
nossos lábios antes mudos
agora já não buscam descanso.

idênticos em nossa imensa fome
nos tornamos um do outro alimento.
aquilo que em meu corpo buscas
no teu corpo também desvendo.

estreito portal
que me conduz ao profundo
do mundo.
me prende, me comprime
enquanto busco
algo mais
entre as metades da bunda.

estranha delícia
a me arrancar os sentidos.
prazer proibido,
o róseo paraíso.

desmorona a razão:
em teus quadris
as minhas mãos.

os pêlos negros
sob a minissaia:
a mais grata surpresa
após me enroscar
em seu cabelo platinado.

irrepreensível, a língua,
que percorria o céu da minha boca,
com seu toque úmido
desce corpo abaixo
até encontrar, rígido,
o epicentro do meu desejo.

por ele desliza,
o contorna, envolve, o recebe.
e me engoles.
encontro então o céu
da boca e desta vida.

o lúdico e fálico corpo que sorves
respira, geme, pulsa
no embalo das tuas mãos
e do ritmo que elas inventam.
sou teu brinquedo,
o que mais posso querer?
sem armas por opção
na doce prisão dos teus lábios
que o meu encanto que jorra acolhe.
no beijo que me ofereces
meu gosto a mim devolves.

vi

O DESERTO

o que dizer do amor,
chave do seu amargo segredo,
de sua improvável consciência?

sem correntes ou asas
censurou a própria felicidade,
revogou o dia em que pensou
tê-la encontrado.
depois de vagar pelos labirintos,
pelos átrios e portais da memória,
deletou fotos e lembranças.
extirpou promessas,
anulou sonhos.

dentro dele mora agora
um poço sem fundo,
fonte de uma admirável
e inútil esperança,
motivo do seu luto.

encarou de frente o deserto
e diante do árido caminho
concedeu a si próprio
uma chance de voltar a viver.

O DESERTO

o perdedor não mede
sua derrota, não partilha
sua ruína, não encontra
o caminho de volta,
se perde na fronteira
entre a prece e o vício.
somos todos uma ilha
e a noite é o refúgio
de todos os vencidos.

passei a me chamar precipício.
embalado pelo neon
de estúpidas avenidas
sob estrelas de desencanto,
me oferecendo em sacrifício
em nome do tempo perdido
e dos sentimentos falidos,
no escuro de algum abismo
entre o sorriso das putas
e o aceno dos bichas.

o amor é um acidente
que nos faz perder os princípios
quando deixa de ser a cura
e se torna um ser doente.
com um caco de vidro no olho,
com uma gilete nos dentes
para o herético sob tortura
a realidade passa a ser um blefe.
fala a verdade quem mente.

teu rosto infinitamente longe,
a vida infinitamente pequena:
deixei de enxergar em cores.

diante do espelho
me dispo das roupas
e dos sonhos.

o gosto de nunca mais na boca
e a falta do eu pensava ser para ti.
teus passos estão em meus caminhos
e teu sorriso está nos outdoors
como o sorriso do gato de alice.
tão minha quanto um dia foste.

SORRISO

ângela dorme.
o branco corpo descansa
livre dos sapatos,
das roupas e dos riscos
do dia a dia.

ontem tinha a púbis coberta
por negros pêlos.
no escuro podia
ver os círculos marrons
ao redor dos mamilos empinados.
eu sussurrava seu nome
aos ouvidos:
amanda.

há uma semana
tinha os cabelos tingidos.
em seus lábios
cheiro de cigarro
e entre os seios, Paco Rabanne.
eu não sabia seu nome.

cruzo ruas sem dono, cruzo
o os dias, as estações,
em busca de alguém que me faz falta,
origem desta incompletude.
busco teu corpo
em cada corpo que avisto,
busco teu fantasma
que se perdeu no pó da estrada.

DIAS E NOMES

por uma noite apenas
dormiste em minha cama.
despejei em ti toda a culpa
por amar outra que não tinha.
teus gemidos e gritos eram um salmo,
um sagrado cântico a me punir.

tentava ser livre navegando
pelo teu corpo, sem radar ou mapas.
me atirava ao acaso,
me consumia em tuas entranhas.
deslumbramento verso após verso
buscando em ti quem eu não tinha.

teu suor misturava
as cores de tua pintura,
tingia de púrpura o corpo das palavras,
embaralhava o que eu sabia ou intuía.
os sabores, o cheiro, a temperatura
confundiam contentamento e dor.

agora na cama desfeita
ainda o teu calor está
mas teu nome eu já esqueci.
por que então te procuro ainda
como se precisasse deste amor,
como se fosse possível continuar?

o encanto se desfez.
o disfarce veio à tona.
a dor, trago comigo.
o amor, tenho ainda.
a certeza me trai.

sei que a ilusão é um vício.
ainda assim me surpreendo,
ainda assim me atormento.

meu corpo requer o teu,
dizer que me amas não é preciso:
tuas mentiras me acalmam
e a santidade do humano desejo
me redime pelo teu sorriso.

ouço tuas meias verdades,
sobre o amor que não temos,
náufrago e nau no profundo
de tuas águas turbulentas,
preso ao engano em que vivemos.

bebo em teus peitos
o amor que inventei.
o faz-de-conta nos abraça,
o silêncio arquiteta planos
que contigo não compartilhei.

já não sei o que me guia,
vejo a noite em que vagamos
e o dia que se aproxima.
o suco, o falo, o tato:
testemunhas do quanto erramos.

a entender teus segredos
finges ignorar o que em ti conheço.
a palavra que escondes em teu silêncio
escuto naquilo que não dizes.
se te calas ouço o que pensas
e se me foges não te persigo:
termina em mim a tua fuga.

sei que sou o único mesmo não sendo
e quando partir sei que me aguardarás
a volta mesmo não aguardando.
quando te beijo tenho a certeza
que estarás a meu lado para sempre
sabendo que jamais de novo nos veremos.
para que não te magoes
acredito naquilo que mentes.

como a roupa que uso, te utilizo
e me abrigas quando preciso
mas se não existisses
de que forma se preencheria
o abismo destas horas vazias?

NOITE PASSADA ALUGUEI SESSENTA MINUTOS DO TEU AMOR

vejo teu rosto
entre os cabelos dourados,
nua a ocupar o centro
do meu mundo partido.
viva convulsão, quente,
a penetrar minha pele
e vasos sanguíneos.

mudo como um relógio antigo
quebrado, só me resta me entregar
mesmo sabendo que tudo
não passa de um sonho perdido.

assim se consolida minha vertigem
a me oferecer aos teus braços,
teus espaços, à tua vagina,
guardiã de amores impossíveis
e desejos obscuros.

sigo consciente da emboscada,
neste momento de desatino,
neste buraco da memória.
caio na lama
de meu caminho de enganos.

ua presença é uma sombra
que me segue e toma a forma
dos objetos do meu dia:
o jornal, o caixa eletrônico,
a comida no prato.

sinto ainda o teu aroma
de rosas e peçonha
entre os escombros das horas,
entre os destroços do passado,
entre os cacos de vidro,
e navalhas em que piso.

não te quero mais no meu caminho,
não quero mais teu cheiro
em meus lençóis pela manhã,
quero enterrar teu cadáver
longe da minha vida.

percorro a distância
entre duas cidades
sobre o falso azul
do espelho d'água
da guanabara.

vejo teu rosto
ir para o fundo do mar,
vejo o amor
se transformar numa inverdade
impressa em cores
que não existem mais.

teu corpo não está mais ao meu lado.
agora escurece cedo
e a noite que se instala me faculta
as ruas insones do meu degredo.

um veneno me tira o sono e a fome.
no vazio das minhas mãos
tenho ainda o calor das tuas
e tatuada, a letra m do teu nome.

revejo os anos que vivi,
calculo os anos que tenho pela frente,
há coisas que jamais esquecerei
e outras que não saem da minha mente:

as esquinas por onde andei,
os caminhos que escolhi,
os lugares onde estive
e onde não mais estarei.

parei de procurar respostas,
a verdade já não me corrói.
tua voz cada vez mais distante
aos poucos se desconstrói.

recolho tuas palavras tardias a emudecer
contando as horas, os minutos, os trocados,
eis o resultado deste inventário:
tudo que tenho agora é o que não posso ter.

AGORA ESCURECE CEDO

vii

OUTROS ENIGMAS

as incontáveis luzes que vejo
nesta estrada não iluminam
os passos da minha jornada.

como calar as chamas
deste fogo onde queimo
sem nunca consumir-me?

como matar o tigre
que destroça meu corpo
sem nunca concluir sua tarefa?

como varrer a dor,
esta substância viva
e inexaurível?

como subverter
a realidade
a flores?

dez e quinze de uma noite qualquer.
cruzei a praça araribóia
na triste província de nictheroy.
contava o tempo perdido
nos sinais de trânsito a olhar
para as faixas de segurança, revia
o tempo perdido com orações
e pedia a algum deus comovido armas
para lutar a guerra
santa de cada dia, a guerra
desigual de todas as noites.

sou um brinquedo,
um objeto
nas mãos da matemática,
os passos
inúteis
seguindo
na escuridão.

escolho ruas
ao acaso:
um andarilho
sem esperança
vagando
perdido,
sem identificação.

sem mapas,
sem bússolas,
sem oriente, sem horizonte
ou farol,
sem utopia buscando
a próxima
estação.

de incerteza
e encanto
construo uma prece,
um mantra
contido
na palavra
direção.

O ANDARILHO

meus passos percorrem
o melancólico caminho niemeyer,
em niterói.
há dias tenho ouvido beatles
mais do que deveria
e em vão
tentado parar de fumar.

o desejo de dar abrigo a um cão sem dono
que encontro próximo à estação das barcas
é silenciado
pelo incômodo de assistir aos sem teto da
[avenida amaral peixoto
em busca de alguma sobra de comida
em frente ao supermercado que fecha.

este ano está se extinguindo
e com ele, também, a minha sanidade.
há meses assisto
a construção de outro supermercado no
[final da minha rua.
veloz, a cidade não pára.
cresce, se multiplica, nos engole
e nos digere
alheia aos cães sem dono,
aos sem teto.
alheia à dor que nos consome.

devagar,
paralisados pela falta de tempo
e por outras faltas,
somos arquivados em gavetas,
sepultados sob
as vigas de aço e o concreto
da metrópole.

o exilado caminha anônimo
pela avenida champs-élysées,
em paris.
sobre seus ombros carrega
nove mil quilômetros de cansaço.
suas roupas estão gastas.
seu cabelo agora é ralo.
foi cidadão brasileiro:
esteve preso, foi espancado,
chorou, viu algumas mortes
mas não pôde ver o seu filho nascer.
na capital dos franceses
caminha de cabeça erguida:
não ficou a sua pátria livre,
não morreu pelo brasil.

O EXILADO

na avenida feliciano sodré
onde tenho um apartamento financiado pelo
[previ-rio
saio em busca de álcool e descanso.
levo o peso de cinqüenta horas semanais
[de trabalho
e de outras tantas
de inquietação.

aqui termina o meu dia e a minha semana.
hoje não vou postar em meu blog,
não vou ler e-mails,
não vou navegar ou entrar em um chat.
quero apenas terminar o dia, a semana
e o poema.

e depor armas para um amanhã incerto
sem amor ou amigos,
repleto de contas e dívidas.

em poucas horas será outro dia, outro mês.
tento lembrar do amanhã que sonhei.

REQUIEM PARA UM PII*

* Professor do ensino fundamental.

a caligrafia do tempo
deposita pedaços de realidade
na pauta do nosso destino,
determina o que viveremos.
na música de existir,
no compasso de nossos
silêncios nos perdemos.

espaços, traços, visões,
nuas confissões, texturas, recantos:
há um mar de ruídos
no ruído do que vivemos.
um cruel teorema nos condena:
entre o passado e o futuro
o improvável é o que temos.

vejo pássaros em revoada
buscando o azul de outra estação.
seus pequenos corpos voando em bando
revoam a sentença do tempo
e comunicam sua decisão
a quem como eu
está maravilhado
contemplando o imenso mar.

mais parecem flutuar
no fluxo de alguma corrente
real ou inexistente.
em sua busca convicta
há também uma sentença
que decreta a liberdade
e a crença no fluir da vida,
acima dos barcos, nesta manhã
no hemisfério sul.

diante do imenso mar
tenho a alma acorrentada
e uma imensa vontade de voar.

PROMETEU

arquivou os outros projetos.
sobre a prancheta, na oficina,
dia após dia, noites a fio,
recria agora o seu destino.

O INVENTOR